

JAZZ

19 ABRIL 2017

Mário Laginha Trio

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Piano e composição Mário Laginha
Contrabaixo Bernardo Moreira Bateria Alexandre Frazão

Qua 19 de abril
21h30 · Grande Auditório · Duração aprox. 1h15 · M6

Jazz e democracia

Quando confrontado com o convite de trabalhar com a música de Chopin, Mário Laginha considerou de imediato que o trio de piano jazz seria a fórmula instrumental mais «desafiante» e «motivadora» para levar o projeto *Mongrel* a bom Porto. Tal como referiu à Imprensa nos idos de 2012, fazê-lo tanto com o formato solo, aquele com que o compositor polaco escreveu as suas peças, como à frente de uma orquestra (necessariamente entendendo esta como o ómega do piano) colocá-lo-ia «mais próximo do universo original», e não era isso, de todo, o que pretendia. Só o trio, hoje considerado clássico, de piano, contrabaixo e bateria o «obrigava a uma transformação maior» das partituras.

A sua respeitosa, ainda que atrevida, homenagem a Chopin foi, também um tributo a esta fórmula surgida no jazz na altura em que este idioma musical se aproximava da metade do século passado. E um tributo de peso: *Mongrel* é uma obra-prima do jazz nacional, mesmo que tal afirmação não seja repetida as vezes que merecia. O tempo tende a passar indiferente pelos feitos dos artistas, correndo em direção a não se sabe muito bem o quê. Depois de os pensadores marxistas terem definido o socialismo como o «fim da história», vieram os neoliberais dizer que já vivemos nesse ato final, com o capitalismo. A velocidade com que vivemos as nossas vidas já não tem um destino, é ela própria um destino que se percorre em círculo, chegando-se sempre ao ponto de onde partimos num

frenesim que confunde o momento da partida com o da chegada.

Com esses mesmos instrumentos, tocados por Laginha com Bernardo Moreira e Alexandre Frazão, tinha pouco antes (2007) o pianista de Sintra gravado o álbum *Espaço*, com este firmando a noção de que, sendo a música a arte por excelência do tempo, não há temporalidade que escape ao fator espacial – o fluxo da música não é um fio unidirecional, necessitando de uma envolvimento, de uma “arquitetura”, para poder existir. Mário Laginha tem plena consciência disso: a forma – a forma do jazz, no seu caso – não é mais do que o modo como se delimita o espaço.

Ora, se qualquer agrupamento reunido para criar música é uma célula social, um núcleo de interatividade entre indivíduos que espelha a sociedade em que estamos ou propõe uma outra que a melhora, este é um espaço de afetos, que não apenas de sons – afetos esses que, segundo Chantal Mouffe, têm um papel fundamental quando o propósito é radicalizar a democracia. O jazz e a música improvisada serão, talvez, as mais democráticas das práticas musicais da história, pelo que a consideração, por parte de Laginha, de que o trio de piano determina uma «enorme intimidade musical e humana» ganha um significado profundo.

Nesta área de criação colaborativa, mesmo quando há um líder que compõe e arranja para todos, aceitando dos seus pares as contribuições, a empatia entre os intervenientes chega a ser mais importante do que o “saber

fazer”. É esse o tipo de relação que Laginha, Moreira e Frazão têm uns com os outros. O Mário Laginha Trio deve muito do seu mérito à amizade que une os seus membros, a um nível que iguala a superior competência técnica e o amplo alcance estético que lhes reconhecemos. Assim se explica que este trio se junte volta e meia para nos oferecer algo mais, apesar dos muitos projetos que ocupam as agendas de cada um. Esse algo é simultaneamente geométrico e orgânico, regular e irregular, contínuo e descontínuo, plano e acidentado. Em síntese, aquilo que Laginha refere como «a maneira como respiramos a música», ao arripio de um indesejável modelo de perfeição.

Os cultores do trio de piano apontam este como a «representação da essência do jazz», num regime de «condensação» das características do género com condições já consideradas «efetivas» e «funcionais». Ao longo da evolução do formato um ideal se foi impondo: a procura da máxima liberdade possível, passando a dita por contrariar uma rígida hierarquização em triângulo, com o pianista no topo e o contrabaixista e o baterista nos vértices da base. Leonard Feather colocou a questão deste modo: «Enquanto solista sem acompanhamento, o pianista é livre de tocar todas as partes de um tema, e de estruturar espontaneamente a música que toca, mas está privado das interações criativas proporcionadas por um *ensemble*. Ao invés, quando toca em grupos grandes, pode interagir com os outros, mas sacrifica habitualmente a sua liberdade de expressão pessoal.»

Em trio, aproveita as vantagens e sofre poucos dos prejuízos desses dois extremos, variando os seus papéis entre o solo e o acompanhamento, a improvisação melódica e a sustentação rítmica, podendo ainda suportar o contrabaixista. Aliás, esta última característica é habitual no Mário Laginha Trio, com o piano e o contrabaixo a desenharem uníssonos. A história do piano jazz trio é a da busca de equilíbrios entre o individual e o coletivo, e nesse aspeto as prestações deste agrupamento são como que um tratado sempre renovado e sempre recapitulando as inovações do passado desde o trio que Erroll Garner estreou nos anos 1940 e as adições que Horace Silver, Tommy Flanagan e John Lewis depois fizeram, passando pelo quase igualitarismo proposto por Bill Evans e continuado por McCoy Tyner, Herbie Hancock e Chick Corea, até chegar aos trios de Keith Jarrett e Brad Mehldau, aos combos já plenamente “socializados” The Bad Plus e E.S.T., aos cada vez mais numerosos *piano jazz trios* mentorizados pelo baterista ou pelo contrabaixista e aos projetos de índole experimental em que nenhum tipo de triangularização subsiste. Assim encenando, acrescente-se, a ideia democrática no seu estado mais puro: jazz como teatralização sonora da aspiração à democracia direta e do corte com a imposição racionalista de um “fim”.

No meio de tudo isto, Mário Laginha coloca nos palcos e nos discos uma série de premissas que são igualmente fundamentais para Mehldau: «O importante é não travar o processo, a interação que existe entre os instru-

mentistas. Não indicar uma direção pré-estabelecida, não conceptualizar as orientações, inventar em conjunto os nossos caminhos, deixar que a música se desenvolva naturalmente no espaço da nossa escuta. As pessoas procuram experiências autênticas, procuram formas de expressão que reflitam uma intimidade, e isso passa inevitavelmente por um certo grau de vulnerabilidade, de fragilidade.»

É o que vamos ouvir, jazz intimista e frágil, imperfeito, democrático. Do melhor que se faz por cá e em qualquer lado...

Rui Eduardo Paes
Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

Mário Laginha

piano

Com uma carreira que leva já mais de duas décadas, Mário Laginha é habitualmente conotado com o mundo do jazz. Mas se é verdade que os primórdios do seu percurso têm um cunho predominantemente jazzístico – foi um dos fundadores do Sexteto de Jazz de Lisboa (1984), criou o decateto Mário Laginha (1987) e lidera ainda hoje um trio com o seu nome –, o universo musical que construiu com a cantora Maria João é um tributo às músicas que sempre o tocaram, a começar pelo jazz e passando pelas sonoridades brasileiras, indianas, africanas, pela pop e o rock, sem esquecer as bases clássicas que presidiram à sua formação académica e que acabariam por ditar o seu primeiro e tardio projeto a solo, inspirado em Bach (*Canções e Fugas*, de 2006).

Mário Laginha tem articulado uma forte personalidade musical com uma vontade imensa de partilhar a sua arte com outros músicos e criadores. Desde logo, com Maria João, de que resultou um dos projetos mais consistentes e originais da música portuguesa, com mais de uma dezena de discos e muitas centenas de concertos em salas e festivais um pouco por todo o mundo (festivais de Jazz de Montreux, do Mar do Norte, de San Sebastian, de Montreal...).

Em finais da década de 1980 iniciou uma colaboração, que se mantém até hoje, com o pianista clássico Pedro Burmester, com quem gravaria um disco, e que seria alargada a Bernardo Sasseti em 2007 no projeto *3 pianos*, com a gravação de um CD e um DVD,

além de vários concertos com fortíssima repercussão na crítica e no público. Até ao seu inesperado desaparecimento, Bernardo Sasseti foi, de resto, um parceiro e cúmplice de Mário Laginha em muitas dezenas de concertos e em dois discos gravados, o último dos quais dedicado à música de José Afonso.

Com uma sólida formação clássica, Mário Laginha tem escrito para formações tão diversas como a Big Band da Rádio de Hamburgo, Big Band de Frankfurt, a Orquestra Filarmónica de Hannover, Orquestra Metropolitana de Lisboa, o Remix Ensemble da Casa da Música, o Drumming Grupo de Percussão e a Orquestra Sinfónica do Porto. E tem tocado, em palco ou em estúdio, com músicos excecionais como Wolfgang Muthspiel, Trilok Gurtu, Tcheka, Gilberto Gil, Lenine, Armando Marçal, Ralph Towner, Manu Katché, Dino Saluzzi, Kai Eckhardt, Julian Argüelles, Steve Argüelles, Howard Johnson ou Django Bates. Compõe também para cinema e teatro.

A obra mais recente do trio partilhado com Bernardo Moreira e Alexandre Frazão é *Mongrel*, um trabalho que partiu de temas originais de Chopin, transformados para a linguagem pessoal do pianista. *Iridescente*, gravado na Fundação Calouste Gulbenkian, é a sua última aventura musical com a cantora Maria João.

Colabora desde 2012 com o pianista brasileiro André Mehmari, tendo sido editado um disco em duo, gravado ao vivo, com música original de ambos, contando já com vários concertos no Brasil e em Portugal.

Em finais de 2013, Mário Laginha e o seu Novo Trio com o guitarrista Miguel Amaral e o contrabaixista Bernardo Moreira lançaram *Terra Seca*, um disco que desbrava novos caminhos para o jazz e a música portuguesa.

Em 2016 foi convidado pela Orquestra Gulbenkian para uma digressão, onde interpretou o concerto que escreveu para piano e Orquestra

Também em 2016, retomou a colaboração com o pianista Pedro Burmester, com quem tem participado nalguns dos mais importantes Festivais de Música em Portugal e no estrangeiro.

Bernardo Moreira contrabaixo

Bernardo Moreira iniciou os seus estudos musicais aos 16 anos de idade, na Academia de Amadores de Música. Na década de 1980 tocou em vários clubes de jazz em Portugal e no estrangeiro com músicos como Eddie Henderson, Norman Simmons e Al Grey, entre outros.

Toca regularmente em Portugal, Espanha, França, Moçambique, África do Sul, Bélgica, Luxemburgo e Inglaterra.

Em 1993 realizou uma digressão pelos EUA com o Moreiras Jazz Quintet, juntamente com o vibrafonista Steve Nelson. Também neste ano, com Norma Winstone e Conrad Herwig, participou em vários concertos em Espanha.

No final dos anos 1990 realizou digressões com vários projetos na Dinamarca, Espanha, Itália, Bulgária, Angola, Alemanha, Costa do Marfim e Açores.

Com o Duo Maria João e Mário Laginha, gravou o disco *Chocolate* em 2008.

Integra o Trio de Mário Laginha (piano) e Alexandre Frazão (bateria), uma formação que dura já há mais de uma década, com quem toca regularmente um pouco por todo o mundo e com quem gravou os álbuns *Espaço*, em 2007, e *Mongrel*, em 2010.

Com o grupo da fadista Cristina Branco, gravou os álbuns *Abril*, *Fado/Tango* e as faixas bónus da coletânea *Idealist*.

No final de 2013, juntamente com Mário Laginha e o guitarrista Miguel Amaral, gravou o álbum de estreia do Mário Laginha Novo Trio *Terra Seca*.

Alexandre Frazão bateria

Alexandre Frazão é natural de Niteroi, no Rio de Janeiro, mas veio para Portugal com 19 anos, onde se radicou desde 1987. Ainda no Brasil estudou no Conservatório em 1984. Frazão estudou ainda com Alan Dawson, Kenny Washington e Max Roach.

Em Portugal dedicou-se principalmente ao jazz e à música improvisada, tendo colaborado, entre outros, com Maria João e Mário Laginha, Bernardo Sasseti, Carlos Martins, Laurent Filipe, Rodrigo Gonçalves, Carlos Barretto, Ficções, Dave O'Higgins, Perico Sambeat, Jon Freeman, Mark Turner. Pela sua versatilidade, é frequentemente solicitado para gravar com músicos de outros idiomas musicais, tendo trabalhado, por exemplo, com Resistência,

Pedro Abrunhosa, Rui Veloso, Ala dos Namorados, Nuno Rebelo, Rão Kyao, Júlio Pereira, Joel Xavier e Tim Tim por Tim Tum com Jim Black.

Tendo participado em muitos discos de outros artistas são, no entanto, importantes marcos da sua carreira os discos *Nocturno* de Bernardo Sasseti, *Filactera* de Mário Delgado, *Undercovers* de Maria João e Mário Laginha, *Tempo* de Pedro Abrunhosa, e os DVDs de Rui Veloso, *O Concerto Acústico*, e Ala dos Namorados, *Ao Vivo no S. Luiz*.

Com Mário Delgado e Sérgio Carolino fundou o Trio TGB (Tuba, Guitarra, Bateria) em 2002, que gravou o disco com o mesmo nome.

Com os vários grupos que integrou ou integra, tem feito vários concertos em Portugal e no estrangeiro, em França, Alemanha, Espanha, Brasil, China, Bélgica, Dinamarca e participado em inúmeros festivais, dos quais se destacam, por exemplo, Jazz em Agosto, Festival Europeu do Porto, Jazz em Serralves e Festival Internacional de Macau.

Na atualidade Alexandre Frazão participa no grupo Tim Tim por Tim Tum e no grupo Led On, de tributo aos Led Zeppelin, mantendo no entanto uma atividade regular com outros artistas e no jazz e noutras áreas musicais.

Alexandre Frazão é um músico multifacetado, que se expressa tanto nos vários idiomas jazz, como noutros estilos de música, da pop ao rock, ou da música tradicional portuguesa a estilos experimentalistas, entre outros, recorrendo de modo inventivo a vários

recursos da bateria, para se expressar com uma conceção muito elástica de ritmo e textura.

Próximo espetáculo

O Cinema

de Annie Baker. Um espetáculo dos Artistas Unidos

Teatro De qua 19 a dom 23 de abril
Pequeno Auditório · 21h30 (dom 17h)
Duração aprox. 2h30 · M12



© Jorge Gonçalves

Insistindo num realismo a que chamamos americano, rarefeito e dilatado até parecer outra coisa, Annie Baker (Prémio Pulitzer, 2014) escreve aqui uma elegia: pelo cinema, pelo trabalho. Este é um teatro melancólico, finamente observado, duro e generoso, cómico quase sempre.

Próximo espetáculo de música

Marty Ehrlich Trio Exaltation

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Qui 27 de abril
Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6



Ehrlich e os seus companheiros trazem à Culturgest um projeto de jazz *avant-garde* que recupera o legado de Andrew Hill (1931-2007) e reequaciona o género no presente.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Delfim Sardo

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do

Cego nº50, 1000-300 Lisboa

21 790 51 55 · www.culturgest.pt